

Charles Perrault

CONTOS E FÁBULAS

Tradução e posfácio
Mário Laranjeira

Ilustrações
Fê

ILUMI/URAS

Título original
Contes et fables

Copyright © 2007 desta tradução e edição
Editora Iluminuras Ltda.

Capa e ilustrações
Fê
Estúdio A Garatuja Amarela

Revisão
Ariadne Escobar Branco, Lucia Brandão e Alexandre José da Silva

(Este livro segue as novas regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.)

Cet ouvrage, publié dans le cadre du programme de participation à la publication, bénéficie du soutien du Ministère Français des Affaires Étrangères, de l'Ambassade de France au Brésil et du Consulat Général de France à São Paulo.

Este livro, publicado no âmbito do programa de participação à publicação, contou com o apoio do Ministério Francês das Relações Exteriores, da Embaixada da França no Brasil e do Consulado Geral da França em São Paulo.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Perrault, Charles, 1628-1703
Contos e fábulas / Charles Perrault ; tradução e posfácio
Mário Laranjeira ; ilustrações Fê — [3.reimp.] São Paulo :
Iluminuras, 2007.

Título original: Contes et fables
ISBN 978-85-7321-255-6

1. Contos - Literatura infanto-juvenil
 2. Fábulas - Literatura infanto-juvenil I. Fê.
- II. Título

06-8055

CDD-028.5

- Índices para catálogo sistemático:
1. Contos : Literatura infanto-juvenil 028.5
 2. Fábulas : Literatura infanto-juvenil 028.5

2009

EDITORA ILUMINURAS LTDA.
Rua Inácio Pereira da Rocha, 389 - 05432-011 - São Paulo - SP - Brasil
Tel./Fax: (11)3031-6161
iluminuras@iluminuras.com.br
www.iluminuras.com.br

ÍNDICE

CONTOS EM VERSOS

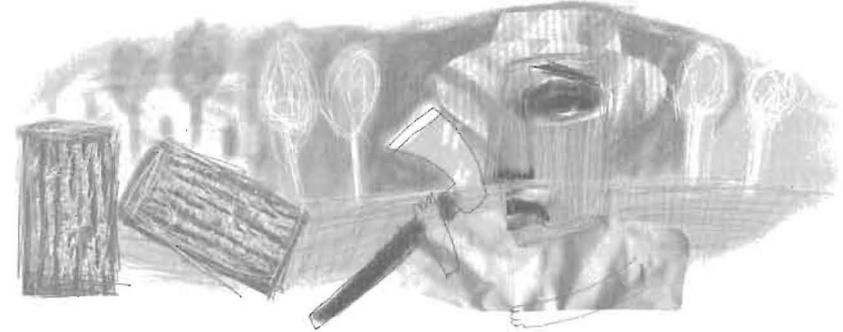
Prefácio	13
Grisélidis	17
Grisélidis	19
Ao Senhor... ao enviar-lhe Grisélidis	49
Pele de Asno	53
Os Desejos Ridículos	73

HISTÓRIAS OU CONTOS DE ANTIGAMENTE COM MORALIDADES

À Senhorita	81
A Bela Adormecida no bosque	83
O Chapeuzinho Vermelho	91
Barba Azul	95
O Mestre Gato ou o Gato de Botas	101
As Fadas	105
A Gata Borracheira ou A Sapatilha de Vidro	109
Riquete do Topete	115
O Pequeno Polegar	121

OS DESEJOS RIDÍCULOS

Conto



À SENHORITA DE LA C...¹

Se fôsseis pessoa razoável,
Eu jamais ousaria vos contar
Esta fábula louca e pouco amável
Que vou agora vos narrar.
A matéria saiu de uns palmos de Chouriço.
“Uns palmos de Chouriço, minha cara!
Que tristeza! Que horror é isso!”
Uma Preciosa exclamaria,
Que, sempre terna e séria,
Só quer ouvir falar do coração.
Mas vós que bem melhor que qualquer Alma viva
Sabeis contar e encantar,
Ser tão simples e clara na expressão,
Que o que se ouve até parece que se vê;
Que sabeis que é a forma que se dá ao que
Se cria, mais do que a matéria,

¹ Gilbert Rouger, em sua edição dos *Contos* de Perrault (Paris, Garnier, 1967, p. 295, propõe identificá-la à heroína do Delfinado Philis de La Charce, que foi a Paris a pedido de Luís XIV depois de ter lutado contra as tropas do Duque de Sabóia com um punhado de camponeses. A identificação tem sua verossimilhança, mas não deixa de ser conjectural.

Que traz beleza a uma Narração;
Amarcis minha fábula e a moral
Tenho disso, direi, a certeza total.

Era uma vez um pobre Lenhador,
Que, cansado de tanto dissabor
Que a vida traz, tinha vontade
De às margens do Aqueronte ir descansar:
Imaginava, em seu pesar profundo,
Que, desde que viera a este mundo,
O Céu, em sua crueldade,
Nenhum desejo seu quis nunca realizar.

Um dia em que, no Bosque, pôs-se a se queixar,
Júpiter, raio à mão, a ele se mostrou.
Não é nada fácil pintar
O medo que do homem se apossou.
“Não quero nada, disse, atirando-se ao chão,
Nenhum desejo, nem Trovão,
É melhor deixar tudo como está.
— Não deves ter nenhum temor,
Disse Júpiter, só por tua queixa vim cá,
Mostrar-te que és injusto ao assim reclamar.
Escuta-me pois. Eu me obrigo,
Eu que do mundo sou soberano senhor,
Três desejos que queiras realizar,
Seja sobre o que for, conta comigo.
Vê o que pode te fazer contente,
Vê o que pode te satisfazer;
E como ser feliz dos teus votos depende,
Pensa bem antes de os fazer.”

Dito isso, pra o Céu Júpiter regressou,
E o alegre Lenhador, o seu feixe pegando,
Para voltar a casa, às costas o lançou.
Esse fardo jamais lhe pareceu tão brando.
E, “Não devo, disse já correndo,

Nada fazer sem reflexão,
O caso é importante, eu pretendo
Da patroa pedir a opinião.
Olha, disse ao entrar na casa de sapé,
Vamos fazer, Nha Chica, um bom almoço até,
Ficamos ricos de uma vez,
É só fazer alguns desejos, três.”
E aí ele contou que lhe acontecera.
Ouvindo isso, a Esposa uns mil projetos fez;
Mas considerando a premência
De agir no caso com prudência;
“Meu caro Brás, disse ao marido, era
Bom evitar os males da impaciência:
Examinemos bem nós dois
O que se há de fazer nessa ocorrência;
Para amanhã deixemos o primeiro
Voto, e vamos pedir conselho ao travesseiro.
— Também acho melhor deixar para depois;
Agora vai buscar vinho atrás dos gravetos”
Disse Brás; e bebeu um bom trago, à vontade,
Junto ao fogo, apoiado às costas da cadeira:
“Já que temos aqui tão bonito braseiro,
Bem viria a calhar um naco de Chouriço!”
Mal acabou de dizer isso,
Sua mulher notou, com grande espanto,
Um Chouriço comprido que, de um canto
Da lareira saindo, e serpenteando
Chegava até bem perto dela.
Soltou um grito de repente,
Mas, achando que essa esparrela
Tinha por causa simplesmente
O desejo que, imprudente,
Seu homem tinha formulado,
Não há injúria ou xingação
Que por ódio ou desilusão
Não tenha sobre ele lançado.
“Quando se pode, disse, um Império ganhar,

Pérolas, ouro, diamantes,
Rubis e roupas elegantes,
Por que é que só Chouriço se vai desejar?
— Está bem, disse ele, eu fiz a escolha errada,
Cometi falha exagerada,
Farei melhor da outra vez.
— Bom, bom, disse ela, vai ver se estou lá na esquina,
Ter um desejo assim, só um burro, uma rês!”
Mais de uma vez o esposo, irado, desatina
E pensa baixo em desejar a viuvez,
E quem sabe, entre nós, bom pedido seria:
“Os homens só nasceram pra sofrer! dizia;
Seja o Chouriço peste, e Chouriço outra vez;
Queira Deus, pécora infeliz,
Pendurar um no teu nariz!”

A prece pelo Céu foi logo ouvida,
E assim que o seu Marido assim falou,
No nariz da esposa irritada,
Um naco de Chouriço se agarrou.
Tal prodígio imprevisto o pôs louco da vida.
Nha Chica era bonita e arrumada,
E, para sem disfarce, ir logo ao fato,
Nesse lugar o tal ornato
Não produzia bom efeito;
A não ser que, no rosto pendurado,
Impedia a mulher de palrar ao seu jeito,
Para um esposo, ganho exagerado,
Tão grande e feliz que então pôs-se a pensar
Nada mais desejar.

Bem poderia, ocorre à sua mente,
Depois de sorte tão funesta,
Com o desejo que me resta,
Fazer-me Rei de repente.
Nada há igual, de fato, à régia grandeza;
Mas devo antes ter certeza,

De como a Rainha irá estar,
E como ficaria ela infeliz
Ao ir ao trono se sentar
Tendo três palmos de nariz.
Tenho de ouvi-la a esse respeito,
E que ela escolha, é seu direito,
Tornar-se uma Princesa opulenta e potente
Conservando o nariz feio que tem,
Ou ficar Lenhadora é o que lhe convém,
Com um nariz como o de toda gente.

Examinado o caso com cuidado,
Embora conhecesse o cetro e seu efeito,
E que, quando se é coroado,
Tem-se o nariz sempre perfeito;
Como nada é maior que a ânsia de agradar,
Ela optou por manter a Toca camponesa
Ao invés de ser feia e tornar-se Princesa.

Assim o Lenhador não mudou seu estado,
Não se tornou um grande Potentado,
Nem de escudos sua bolsa pôde encher,
Feliz por empregar o desejo restante,
Fraco prazer, recurso irrelevante,
Para à mulher o estado antigo devolver.

É bem verdade pois que aos homens miseráveis,
Aos cegos, sem prudência, inquietos, variáveis,
Não cabe formular desejos,
E que poucos dentre eles são capazes
De usar os dons do Céu tornando-os eficazes.